

**ENTRE O PRINCÍPIO DE REALIDADE E O PRINCÍPIO DE PRAZER:
REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE NO CONTO “O OUTRO EU”, DE MARIO
BENEDETTI**

Eduardo Henrique Ferreira¹
Orientador: Gustavo Javier Figliolo²

Resumo: No final do século XIX Freud lançou as bases da ciência que se propunha a estudar o inconsciente: a psicanálise. Nesse pouco mais de um século os conhecimentos advindos da psicanálise foram transpostos a vários outros ramos do conhecimento, inclusive a literatura. O presente trabalho tem por objetivo analisar o conto “O Outro Eu”, do escritor uruguaio Mario Benedetti focando nos conceitos dos princípios de realidade e de prazer. Para atingir o objetivo almejado foi empregada uma abordagem qualitativa de pesquisa e como ferramenta de pesquisa foi empregado o método psicanalítico. As considerações finais apontam que o conto analisado pode ser lido e interpretado a luz da psicanálise freudiana, contudo, a análise desenvolvida é um reflexo do inconsciente do seu autor e outras análises podem ser feitas sobre a égide psicanalítica.

Palavras-chave: Literatura e psicanálise; Mario Benedetti, Psicanálise freudiana.

1. Introdução

Desde o final do século XIX, a partir das descobertas do médico vienense Sigmund Freud, o inconsciente passou a ser estudado de forma científica por meio do novo campo do conhecimento em ascensão: a Psicanálise. A partir do estudo das neuroses, sobretudo, das neuróticas, Freud conseguiu compreender e elencar como o inconsciente opera e rege o comportamento humano (FREUD, [1914], 2006a).

Dado a extensão da obra freudiana muitos conceitos foram lançados e revistos ao longo da vida de Freud. Vale salientar que a história da Psicanálise se entrelaça a história de seu fundador, Freud, como afirma Schultz e Schultz (2011, p.39): “Grande parte da sua teoria [de Freud] reflete as suas vivências na infância e, portanto, pode ser considerada de natureza autobiográfica”.

¹ Bacharel em Letras, Língua e Cultura Francesa (UEL). Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras. E-mail: eduardo-henrique-ferreira@hotmail.com.br

² Professor Doutor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: gustavofigliolo@yahoo.com.br



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

O conhecimento da Psicanálise não ficou restrito ao seu campo originário, isto é, a explicação da etiologia das neuroses e como tratá-las. As postulações de Freud foram expandidas e aplicadas a vários campos do conhecimento como a Antropologia (VIDILLE, 2012), a Educação (KUPFER, 1992), a Religião (ANDRADE, 2009), as Artes (KON, 1996) e a Literatura (VILLARI, 2000) etc. Como é possível vislumbrar o campo psicanalítico é vasto e multidisciplinar.

O presente trabalho teve por objetivo geral analisar o conto “O outro Eu”, do escritor uruguaio Mario Benedetti focando nos conceitos dos princípios de realidade e de prazer, conceitos estes basilares na teoria psicanalítica. Dessa forma buscou-se transpor o conhecimento proveniente da Psicanálise a uma obra literária entrelaçando dessa forma duas áreas do saber: Psicanálise e Literatura.

A fim de atingir o objetivo elencado o desenvolvimento da pesquisa se calcou em uma abordagem qualitativa, uma vez que, o objeto de estudo não pode ser explicado por meio de constructos matemáticos (GIL, 2002). Como ferramenta de pesquisa foi empregada à revisão de literatura e o método psicanalítico.

A pergunta problemática que buscamos responder ao longo do texto é: é possível fazer uma leitura do conto “O Outro Eu” de Mario Benedetti pelo prisma psicanalítico?

As considerações finais indicam que a pergunta problemática que permeia este trabalho pode ser respondida de forma afirmativa, pois no desenvolvimento do texto muitos dos conceitos psicanalíticos, em especial os conceitos do princípio de realidade e do princípio de prazer podem ser visualizados na tessitura do conto. Destaca-se ainda que o presente texto, partindo das considerações psicanalíticas, é um espelho do inconsciente do pesquisador e que outras pesquisas feitas sobre o conto tendo como base a Psicanálise podem chegar a outros resultados.

2. Algumas pontuações acerca da Psicanálise

Como afirmado acima o criador da Psicanálise foi o médico neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939). De origem judaica desde tenra idade foi estimulado pelos pais em relação à educação (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 40). Aos 17 anos Freud iniciou seus estudos universitários – um ano antes do habitual (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 40).



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

Durante toda sua vida escolar e universitária foi um aluno de destaque. Já aos oito anos de idade era capaz de ler Shakespeare no original, além do inglês Freud dominava o francês e tinha conhecimentos de latim, grego, hebreu, espanhol e italiano (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 40. JORGE; FERREIRA, 2010).

Na faculdade originalmente se debruçou nos estudos sobre glândulas sexuais de enguias sobre a direção do renomado professor Ernst Wilhelm von Brücke. Freud almejava obter a cátedra pertencente a von Brücke, contudo dado sua origem judaica não conseguiu a vaga. Em 1880 Freud prestou seus exames de medicina e no ano seguinte obteve o título de médico.

Após ter estudado as glândulas sexuais de enguias Freud passou a pesquisar as propriedades anestésicas da cocaína, que nessa época ainda não era considerada uma droga no sentido atual. Devido a questões particulares – o noivado com Martha Bernay – Freud interrompeu suas pesquisas sobre a cocaína.

Em 1885 Freud recebeu uma bolsa de estudos e partiu em direção à Paris para estudar com um dos maiores nomes da neurologia de sua época o francês Jean-Martin Charcot. Charcot conduzia pesquisas com mulheres acometidas de histeria e afirmava que os sintomas histéricos, como paralisias, não eram encenação ou fingimentos e que poderiam ser tratados por meio da hipnose.

O conhecimento adquirido por Freud com Charcot o levou a desbravar o campo do inconsciente como afirmam Jorge e Ferreira:

Instigado pelas pesquisas de Charcot, entre 1885 e 1895 Freud construiria as bases de sua teoria sobre a etiologia sexual das neuroses. Durante esses anos, escutando as pacientes histéricas, Freud abriria uma via nova de reflexão e de prática clínica: a psicanálise. Sem dúvida, os estudos sobre a histeria presidiram o nascimento da psicanálise — as questões colocadas através dos sintomas e queixas histéricos apontavam precisamente para esse núcleo sexual. (JORGE; FERREIRA, 2010, sem paginação)

Obviamente que ao afirmar que o padecimento psicológico teria como fonte a sexualidade Freud receber abundantes críticas inclusive do círculo médico. Mesmo com sua formação em Medicina Freud se distanciou muito desta em sua teorização. A Medicina praticada no tempo de Freud buscava explicar todas as disfunções do organismo pelo viés das diversas ciências (biologia, física, etc). Muitos contemporâneos médicos de Freud



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

acreditavam que o pai da Psicanálise estava fazendo a Medicina retornar ao período da especulação filosófica (JORGE; FERREIRA, 2010). Enquanto a Medicina se impôs enquanto clínica do olhar a Psicanálise se estruturou enquanto clínica da escuta e da fala, isso é, enquanto a primeira busca observar o organismo e suas manifestações para fazer um diagnóstico e delinear um prognóstico a segunda vai buscar aliviar o sofrimento humano por meio da escuta por parte do terapeuta e da fala do paciente.

Os constructos que Freud lançou para explicar o funcionamento do homem são muitos e sofrem alterações ao longo de sua produção. Para atingir aos objetivos desse trabalho nos ateremos à última explicação proposta por Freud sobre o funcionamento psíquico conhecida ainda como Segunda Tópica.

Em 1920 Freud publica *Além do princípio do prazer* ([1920], 2006b). Antes dessa obra Freud acreditava que o psiquismo humano era composto por uma parte inconsciente, outra consciente e uma terceira pré-consciente. Em *Além do princípio do prazer* ([1920]. 2006b) Freud afirmou que psiquismo é composto por três instâncias, a saber: id, ego e superego. Essas três instâncias são conhecidas ainda como estrutura tripartite da mente. Mesmo sendo nomeadas como estruturas o id, o ego e o superego trabalham como um sistema, como afirma Zimmerman (2007, p. 117): “são rigorosamente interdependentes entre si, não obstante o fato de cada um deles, separadamente, conservar uma relativa independência”.

O id é a primeira instância a se desenvolver nos indivíduos. Ele é totalmente inconsciente, ou seja, não consegue ascender à consciência. O id opera como reservatório dos instintos e da libido e é dele que o ego e o superego extraem energia (SCHULTZ; SCHILTZ, 2011, p. 47). O id é regido pelo princípio do prazer – que será discutido pormenorizadamente abaixo – como não tem contato com a consciência o id é atemporal, ou seja, os desejos e demandas provenientes do id não diminuem com o passar do tempo.

A segunda instância, o ego – também conhecido como eu. Não surge no nascimento para Freud, mas se desenvolve nos primeiros anos da infância – diferente do id que existe desde o nascimento. Schultz e Schultz (2011, p. 48) conceituam o ego da seguinte forma: “Para Freud, é o aspecto racional da personalidade, responsável pela orientação e controle dos instintos de acordo com o princípio da realidade”. Já Zimmerman (2007, p. 125) afirma que o ego participa ativamente dos processos que envolvem o sistema perceptivo-cognitivo como: “percepção, pensamento, conhecimento, juízo crítico, inteligência, discriminação, memória,



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

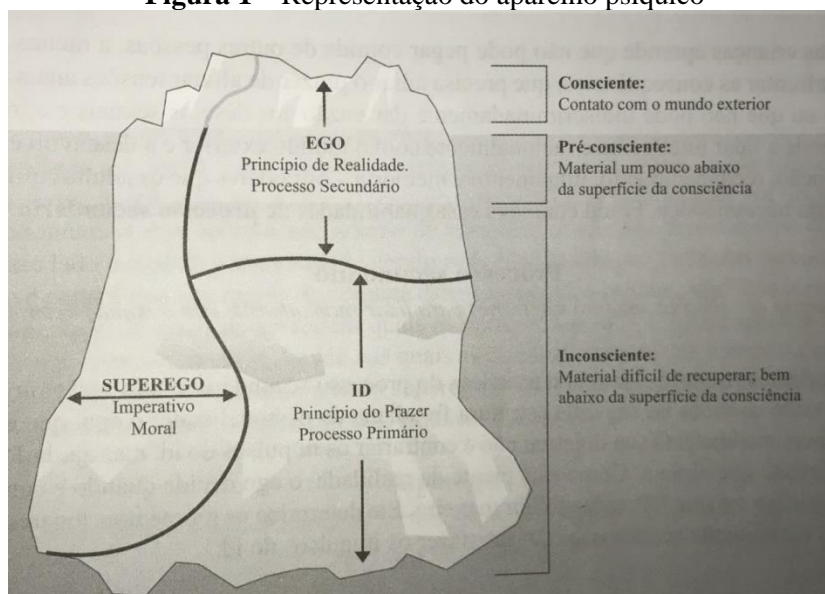
ISSN: 2446-5488

p.102-114

atenção, capacidade para antecipação e postergação, linguagem, comunicação, abstração, síntese, atividade motora”. Outra função inerente ao ego é refrear ou adequar os impulsos provenientes do id. Por exemplo, desde crianças somos ensinados a fazer o controle de esfíncteres. O prazer de urinar e/ou defecar é proveniente do id, mas muitas vezes não podemos urinar e defecar no momento em que o desejo vem à tona, pois seria inadequado ao momento. O ego enquanto mediador entre as pulsões do id e realidade objetiva irá retardar a realização do ato, mas o id só se dará por satisfeito quando seu desejo for realizado. Para intermediar o mundo externo e o id o ego é uma instância psíquica parcialmente inconsciente e parcialmente consciente.

A terceira e última instância é o superego. Dentre as três estruturas o superego é a última a se formar. Segundo Freud o superego surgiria por volta dos cinco-seis anos após o período do complexo de Édipo. A gênese do superego é o ego, o superego surge com a função de juiz da moralidade. (ZIMERMAN, 2007, p. 133). É interessante salientar que o superego é exatamente uma das chaves que separa o homem dos outros animais, pois a vida em sociedade exige a instituição de leis e regras morais. Assim como o ego o superego possui ramificações na consciência e na inconsciência. A figura 1 representa graficamente a estrutura da personalidade proposta por Freud.

Figura 1 – Representação do aparelho psíquico



Fonte: Schultz; Schulz, 2011, p. 47



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

Na introdução desse artigo afirmamos que seria feita a análise de um conto pelo prisma psicanalítico tempo por ponto focal o princípio de realidade e o de prazer. Anteriormente afirmou-se que o id opera pelo princípio de prazer e o ego pelo de realidade, todavia tais constructos não foram devidamente expostos por esse motivo são definidos a seguir.

Para Freud o homem opera a fim de garantir a homeostase psíquica, em outras palavras, a potencializar aquilo que dá prazer e diminuir o que causa desprazer. Vale salientar que o princípio de realidade não é o antônimo do de prazer e vice-versa, ambos são um contínuo e podem ser observados no cotidiano de qualquer sujeito (LEITE, 2015).

Schultz e Schultz sintetizam o princípio de prazer da seguinte forma: “princípio pelo qual o id opera para evitar a dor e maximizar o prazer” (2011, p. 47). Já Roudinesco e Plon (1998, p. 603) escrevem que o princípio do prazer tem como objetivo “proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites (como o lactente no seio da mãe, por exemplo)”. No exemplo trazido por Roudinesco e Plon a criança que não tem ainda desenvolvido o ego ou o superego é totalmente controlada pelo princípio do prazer quando tem fome, a título de exemplificação, não faz outra coisa a não ser chorar até que seu desejo, nesse caso o alimento, seja atendido.

Diametralmente ao princípio de prazer o de realidade e conceituado por Schultz e Schultz da seguinte maneira: “princípio pelo qual o ego opera para providenciar as limitações adequadas a expressão dos instintos do id” (2011, p. 48). Roudinesco e Plon (1998, p. 603) afirmam ainda que o princípio de realidade modifica o princípio de prazer “impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa”. No exemplo dado anteriormente, do bebê, com o desenvolvimento a criança descobrirá que não terá suas necessidades prontamente atendidas pelos mais variados motivos e o choro dará lugar a outras reações como, por exemplo, a solicitação verbal por alimento.

3. A psicanálise em Mário Benedetti

Tendo feitas as pontuações sobre alguns conceitos-chave da Psicanálise anteriormente, doravante, buscaremos utilizar seus constructos para analisar um conto do escritor uruguaio Mario Benedetti (1920-2009). Como o conto aqui analisado trata-se de uma obra de curta



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

extensão e por esse motivo optou-se por reproduzi-lo na íntegra acompanhado, a seguir, da análise propriamente dita.

O Outro Eu

Tratava-se de um rapaz comum: usava calças da moda, lia gibis, fazia barulho enquanto comia, cutucava o nariz com o dedo, roncava durante a soneca, se chamava Armando Corrente em tudo menos em uma coisa: tinha um Outro Eu.

O Outro Eu usava certa poesia no olhar, se apaixonava pelas atrizes, mentia cautelosamente, se emocionava com o entardecer. O rapaz se preocupava muito com seu Outro Eu e o fazia se sentir incomodado diante de seus amigos. Já o Outro Eu era melancólico e, por causa disso, Armando não podia ser tão vulgar quanto desejava.

Uma tarde Armando chegou cansado do trabalho, tirou os sapatos, moveu lentamente os dedos dos pés e ligou o rádio. Estava tocando Mozart, mas o rapaz dormiu. Quando acordou, o Outro Eu chorava desconsoladamente. Em um primeiro momento, o rapaz não soube o que fazer, mas depois se refez e conscientemente insultou o Outro Eu. Este não disse nada, mas na manhã seguinte já havia se matado.

No começo, a morte do Outro Eu foi um duro golpe para o pobre Armando, mas depois ele pensou que agora sim poderia ser inteiramente vulgar. Esse pensamento o reconfortou.

Levava apenas cinco dias de luto quando saiu pelas ruas com o propósito de exibir sua nova e completa vulgaridade. De longe viu que seus amigos se aproximavam. Isso o encheu de felicidade e o fez imediatamente explodir em risadas. Entretanto, quando passaram próximo dele, seus amigos não notaram sua presença. Para piorar, o rapaz pôde escutar que comentavam: "Pobre Armando. E pensar que parecia tão forte e saudável".

O rapaz não teve outro remédio que parar de rir e, ao mesmo tempo, sentiu na altura do peito uma aflição que se parecia muito a nostalgia. Mas ele não pôde sentir uma autêntica melancolia, porque toda a melancolia tinha sido levada pelo Outro Eu. (BENEDETTI, 1968, sem paginação)

No primeiro parágrafo do conto temos a apresentação da personagem principal: Armando que aparentemente é um sujeito normal que leva uma vida comum, todavia, Armando era habitado por um Outro Eu, ou em termos psicanalíticos, um outro ego. Vale salientar que o autor optou por grafar o Outro Eu com letras maiúsculas transformando dessa forma um substantivo comum em próprio dando, dessa forma, uma identidade ao outro eu.

Mesmo sendo habitado por duas partes ambas diferem significativamente. Essa divergência é bem marcada no segundo parágrafo. Enquanto o Outro Eu caracteriza-se por um comportamento contido, delicado, afetivo e acometido de melancolia. Faz-se necessário um parêntese nesse ponto. Quando falamos de melancolia em Psicanálise estamos nos referendo



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

ao que hoje é conhecido como depressão, portanto, o Outro Eu poderia ser considerado depressivo. Ainda no final do segundo parágrafo o narrador anuncia que essa faceta de Armando, o Outro Eu, não era bem quista pelo mesmo que se sentia desconfortável frente a seus amigos. Era o Outro Eu que mantinha Armando sobre controle impedindo que este cedesse a seus impulsos e desejos.

O terceiro parágrafo é destinado ao confronto entre as duas partes que compunham Armando. Segundo o narrador Armando adormeceu ao som de Mozart. É interessante notar que a música clássica seria muito mais compatível com o Outro Eu que apresenta uma sensibilidade maior do que com Armando. Ao despertar Armando se depara com o Outro Eu chorando torrencialmente. Toda a raiva recalcada, isso é, contida que Armando mantinha pelo seu Outro Eu vem à tona de forma consciente. Na manhã seguinte o Outro Eu, que havia sofrido as admoestações em silêncio não é mais encontrada por Armando, pois tinha se suicidado. Esse parágrafo é um dos mais importantes do conto do ponto de vista da Psicanálise, pois segundo Freud, mesmo que o homem opere através do id, ego e superego essas três instâncias operam em conjunto, portanto Armando e seu Outro Eu deveriam viver em conjunto não sendo possível a existência de um sem o outro (mais a frente vemos que a morte de um implica no fim do outro). Outro ponto de suma importância é que a discussão entre os dois foi feita de forma consciente. Freud acreditava que um dos objetivos da Psicanálise era trazer à luz aquilo que estava subjugado na obscuridade do inconsciente, portanto, a discussão consciente entre Armando e seu Outro Eu seria similar a um processo terapêutico em que todas as partes do psiquismo poderiam ser trabalhadas, inclusive aquelas mais inconsciente, nesse caso o Outro Eu. O último item a ser pontuado no terceiro parágrafo é o suicídio do Outro Eu. Não foi Armando que deu cabo do outro eu, mas sim ele mesmo. Dado a importância desse suicídio na narrativa acreditamos que algumas pontuações sobre como a Psicanálise compreende o suicídio auxiliariam o leitor, sendo assim, ater-nos-emos a esse tópico antes de avançar na análise.

Freud não dedicou uma obra específica para as explicações acerca do suicídio, todavia o tema suicídio perpassa toda a obra freudiana. A obra em que há uma análise mais densa sobre essa questão é “Luto e melancolia” ([1915, 1917], 2006c).



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

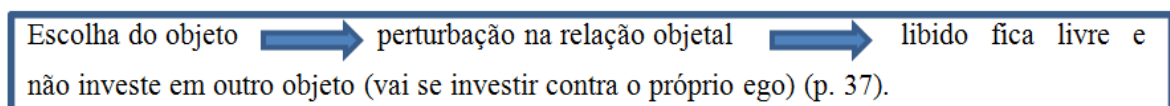
No artigo “Luto e melancolia”, Freud se propõe a distinguir a tênue linha que separa o luto da melancolia, vale destacar que o termo melancolia para Freud pode ser compreendido atualmente como depressão. Freud conceitua a melancolia como:

Um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-entulhamento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 2006c, p. 250).

Todos os sintomas da melancolia, exceto a perturbação da autoestima, são observados nos processos de luto. Tanto o luto quanto a melancolia têm sua gênese em um fenômeno: a perda de um objeto amado. É preciso sublinhar que quando falamos em objeto nem sempre estamos nos referindo a um objeto concreto o luto/melancolia podem ser provenientes da perda de um ideal, por exemplo.

Freud afirmou que os seres humanos estabelecem relações entre si por meio da libido, isso é, a libido do indivíduo se liga a um objeto (ideia, pessoa, objeto, etc.) no luto o objeto desaparece (o mesmo pode acontecer na melancolia). No caso da melancolia pode não acontecer o perecimento do objeto ao qual a libido está vinculada, todavia o mesmo pode ter sido retirado do sujeito, por exemplo, o término de um relacionamento. A figura 2 representa de forma sintetizada esse conceito

Figura 2 – Conceito de fixação da libido após a perda



Fonte: Adaptado PARREIRA, 1988, p. 37.

A questão que se poderia levantar é: o que ocorre com a libido que não é mais investida no objeto? No caso do luto a libido é empregada pelo ego para superar a perda e, geralmente, é canalizada a um novo objeto, nas palavras de Freud (2006c, p. 250): “na medida em que este não evoca esse alguém —, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele”. Um processo diferente ocorre no



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

caso da melancolia. A libido deixa de investir em outro objeto e uma parcela dela é investida no próprio ego do sujeito. Uma explicação mais detalhada desse ponto da teoria psicanalítica demandaria uma análise pormenorizada dos conceitos de narcisismo e sublimação o que foge a alçada do presente texto.

O resultado do investimento libidinal no ego é extremamente danoso para o próprio ego. Quando Freud lançou mão da segunda tópica e conceituou o tripé do psiquismo: id, ego e superego como tratado acima o ego seria a porção responsável pelo intermédio dos desejos inconscientes do id e a realidade objetiva já o superego encarregar-se-ia dos aspectos morais. O ego para Freud não consegue conceber o seu próprio fim. Numa fantasia egóica o ego se sentiria imortal, mas como então uma pessoa poderia dar cabo da própria vida? Como o ego aceitaria seu próprio fim de maneira deliberada?

Freud respondeu esse questionamento pela seguinte pressuposição: a autopunição praticada pelo melancólico é uma forma do mesmo punir o objeto substituto (nesse caso o ego) e há um prazer sádico. Este sadismo seria a chave do suicídio para a psicanálise, pois explicaria como o ego pode se autodestruir “A análise da melancolia demonstra que o ego só pode se matar quando trata a si mesmo como um objeto.” (PARREIRA, 1988, p. 40). O suicídio seria uma forma de se atingir, mas ao mesmo tempo atingir o objeto que se destinava originalmente a libido (o objeto de amor/ódio). O superego severo que não aceita as limitações do pobre ego (que se encontra mais fragilizado por ter sido destinada a libido do objeto de amor/ódio) (PARREIRA, 1988, p. 51). “O medo da morte na melancolia se explica pela suposição de que o ego se abandona a si mesmo, porque se sente perseguido e odiado pelo superego.” (PARREIRA, 1988, p.55).

Em suma, na melancolia com o investimento da libido no ego este passa a ser atacado pelo superego, sobretudo, pelo ideal de ego: Schultz e Schultz (2011, p. 49) conceituam o ideal de ego como: “comportamentos bons ou corretos pelos quais as crianças foram elogiadas” ele é o desejo da perfeição do superego. Esse desejo de perfeição do superego trava uma luta contra o ego que é tido como um objeto e para aliviar a angústia a saída encontrada pelo ego é dar cabo da vida. Portanto, o suicídio na Psicanálise não é visto como um fim a vida por algum motivo mesquinho, mas sim uma tentativa de aplacar a ansiedade proveniente do embate entre ego e superego. É uma forma de mitigar a dor psíquica vivida pelo sujeito.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

Retomando ao conto o suicídio do Outro Eu pode ser compreendido como uma saída encontrada por ele para se livrar das acusações de Armando que tentava subjugar-lo a todo instante.

No quarto parágrafo é anunciado o sofrimento por traz do suicídio do Outro Eu, contudo, como forma de se defender do sofrimento pela perda Armando passa a refletir e vê na morte do Outro Eu uma saída para seus instintos que agora não mais seriam refreados pelo Outro Eu. Toda a sua vulgaridade poderia se tornar consciente.

No penúltimo parágrafo, findo o período de luto, Armando sai às ruas a fim de mostrar seu novo eu sem o Outro Eu. Ao avistar seus amigos se encheu de júbilo, porém, ao passar próximo a esses, não foi percebido e pior ouvi de seus amigos que nunca imaginariam que ele chegasse ao estado em que estava, pois sempre foi forte e saudável. Podemos nos indagar: por que os amigos afirmaram isso? Estaria Armando doente? O que podemos supor é que com a morte do Outro Eu a personalidade de Armando como um todo ruiu, isso é, sem o Outro Eu para impedir os impulsos de Armando seu comportamento passou a ser desregrado e, na linguagem do senso comum, Armando perdeu a razão.

No último parágrafo é anunciado o final que levou nossa personagem. Armando se torna uma pessoa que padece de um sofrimento e que por isso para de rir, mas é privado de sentir uma depressão autêntica, pois a verdadeira depressão era produto do Outro Eu e foi embora com a morte deste.

Como foi dito acima para a Psicanálise todos os sujeitos buscam a homeostase psíquica, isso quer dizer, buscam potencializar o prazer e diminuir o desprazer. Nesse embate as três instâncias psíquicas: id, ego e superego trabalham em conjunto guardando certa autonomia. No caso de Armando poderíamos afirmar que o Outro Eu é uma representação do princípio de realidade operando em conjunto com o ego, sendo assim, quando o narrador afirma que o outro eu mentia, mas cautelosamente, se apaixonava e apreciava as pequenezas da vida era numa forma de buscar refrear os impulsos advindos do id. Diametralmente o próprio Armando, enquanto representação contrária do Outro Eu, é uma alegoria ao id e ao princípio do prazer. Ao afirmar que Armando queria ser totalmente vulgar nada mais é do que exprimir que ele desejava agir apenas pelos impulsos do id, sem a censura do ego e do princípio de realidade.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

Se o homem só pode ter uma boa saúde mental quando o id, ego e superego trabalham de forma harmoniosa ao propiciar o suicídio do Outro Eu, ou seja, o seu recalque, a homeostase psíquica de Armando é rompida e o sofrimento psíquico emerge. Ao matar uma parte de si Armando dá cabo de si como um todo, pois é privado até mesmo de sofrer uma depressão, seu sofrimento ficará inominado.

Os conhecimentos provenientes da Psicanálise são numerosos e o presente texto buscou fazer um breve recorte dos mesmos. A união entre Psicanálise e Literatura é possível e extremamente frutífera. A presente análise não encerra a discussão sobre o tema e novas análises do mesmo tema podem ser feitas pelo prisma psicanalítico.

Referências

BENEDETTI, Mario. **A Morte e outras Surpresas**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1968.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico** [1914]. Rio de Janeiro: Imago. 2006a.

_____, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** [1920]. Rio de Janeiro: Imago. 2006b.

_____, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos** [1915/1917]. Rio de Janeiro: Imago. 2006c.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed, 2002.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Freud criador da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 3. ed, 2010.

KON, Noemi Moritz. **Freud e seu duplo** – reflexões entre Psicanálise e Arte. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação** – O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.

ANDRADE, Tarcisio. Psicanálise e Religião. **Estudos de Psicanálise**. Aracaju, n. 32, p.181-18, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/psicanalisereligiao.pdf>>. Acesso em: 25 de maio 2017.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.102-114

LEITE, Renata Franco. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 43, p. 139-144, jul. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n43/n43a14.pdf>>. Acesso em: 26 de maio 2017.

PARREIRA, Vera Toste. **O suicídio em Freud**. 1988. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. Tradução da 9ª edição norte-americana.

VIDILLE, Wagner. Psicanálise e Antropologia: competição ou colaboração?. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 64, n. 01, p. 25-28, jan. 2012. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/11.pdf>>. Acesso em: 25 de maio 2017.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 20, n. 02, p. 2-7, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 25 de maio 2017.

ZIMERMAN, David. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.